

Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais.

Self-medication in academics of a public university in the south of Minas Gerais.

La automedicación en académico de la universidad pública de Minas Gerais del sur.

Cristina Matiniano MONTANARI¹

Walneia Aparecida de SOUZA¹

Daniela Oliveira VILELA¹

Fernando Sousa ARAÚJO²

Márcia Helena Miranda Cardoso PODESTÁ³

Eric Batista FERREIRA⁴

RESUMO: Introdução: A automedicação é uma prática frequente em qualquer parte do mundo e o estudo de utilização de medicamentos segundo a Organização Mundial de Saúde, é reconhecido como um importante indicador para identificar as principais patologias em populações específicas, estimar prevalências e possibilitar melhor conhecimento de como as populações utilizam os recursos terapêuticos. Objetivo: Assim, o presente estudo apresenta como objetivo, verificar a prevalência de automedicação entre acadêmicos de uma Universidade Pública do Sul de Minas Gerais e verificar se os dois grupos se comportam de modos diferentes. Para isso, realizou-se um estudo descritivo e transversal com uma amostra de 200 acadêmicos, sendo 100 da área da Ciência da Saúde (grupo 1) e 100 da área das Ciências Humanas (grupo 2). Resultados: A prevalência de automedicação foi de 96,9% entre os acadêmicos do grupo 1 e 82,6% do grupo 2 ($p=0,002$). As classes de fármacos mais utilizadas foram a dos analgésicos/antipiréticos. O principal responsável pela indicação do medicamento no grupo 1 foi o farmacêutico; já no grupo 2, foram os familiares e conhecidos ($p=0,002$) Conclusão: A automedicação é uma prática frequente entre os dois grupos estudados, sendo que os acadêmicos que possuem em seu currículo disciplinas de terapêutica, foram os que mais fizeram uso dessa prática. Como ocorre em vários outros estudos de utilização de medicamentos, os analgésicos representaram a classe de fármacos de maior utilização.

Palavras-Chaves: Automedicação. Medicamentos. Prevalência.

ABSTRACT: Introduction: Self-medication is a common practice anywhere in the world and the

1 Aluna de graduação do Curso de Farmácia da Unifal-MG. Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Universidade Federal de Alfenas-MG.

2 Aluno de graduação do Curso de Farmácia da Unifal-MG.

3 Profa. Dra. de Farmacologia da Unifal-MG. Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Universidade Federal de Alfenas-MG.

4 Prof. Dr. do Curso de Matemática e Estatística da Unifal-MG. Instituto de Ciências Exatas. Universidade Federal de Alfenas-MG..

study of drug use is recognized as an important indicator in identifying the major pathologies in specific populations, estimating the prevalence and enabling better understanding on how populations use therapeutic resources. Objective: The objective of the study was to verify the prevalence of self-medication among students of a public university in southern Minas Gerais and verify if the healthcare academics behave differently from the ones of humanities area. To this end, we performed a descriptive cross-sectional study with a sample of 200 students, with 100 in the area of Health Science (group 1) and 100 of the area of Humanities (group 2). Results: The prevalence of self-medication was 96.9 % among students in group 1 and 82.6 % in group 2 ($p = 0.002$). The most commonly used classes of drugs were analgesics/antipyretics. The main responsible for the indication of the drug in group 1 was the pharmacist; and in group 2 relatives and friends ($p = 0.002$). Conclusion: The self-medication proved to be a frequent practice among academics, demonstrating the need to devise strategies to sensitize the academic community regarding this practice.

Key Words: Self-medication. Medicines. Prevalence.

RESUMEN: Introducción: La automedicación es una práctica común en cualquier parte del mundo y el estudio del consumo de drogas, se reconoce como un indicador importante en la identificación de las principales enfermedades en poblaciones específicas, estimar la prevalencia y permitir una mejor comprensión de cómo las poblaciones utilizan los recursos terapéuticos. Objetivo: El objetivo del estudio fue evaluar la prevalencia de la automedicación entre los estudiantes de una universidad pública en el sur de Minas Gerais y verificar si los académicos del área de salud se comportan de modo diferente a los del área de humanas. Para ello, se realizó un estudio descriptivo de corte transversal con una muestra de 200 estudiantes, siendo 100 del área de Ciencias de la Salud (grupo 1) y 100 del área de Humanas (grupo 2). Resultados: La prevalencia de automedicación fue del 96,9 % para los estudiantes del grupo 1 y del 82,6 % para los del grupo 2 ($p = 0,002$). Las clases más utilizadas de drogas fueran analgésicos / antipiréticos. Para los del grupo 1, la causa fue la indicación del farmacéutico mientras que para los del grupo 2, se origina por recomendación de parientes y amigos ($p = 0,002$). Conclusión: La automedicación resultó ser una práctica frecuente en la población analizada, por lo que es necesario diseñar estrategias para sensibilizar a la comunidad académica en relación con esta práctica.

Palavras-claves: Automedicación. Medicamentos. Prevalência.

INTRODUÇÃO

Refletindo sobre a quantidade de medicamentos que são consumidos, pode-se constatar que na sociedade atual o medicamento assumiu uma presença clara e constante na vida da população. Define-se como automedicação, o uso de medicamentos sem prescrição médica, quando o próprio paciente decide qual medicamento vai usar¹. De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de brasileiros são adeptos da automedicação, e todo ano cerca de 20 mil pessoas morrem no país, vítimas dessa prática².

Segundo Leite; Vieira; Veber³, ao analisar a realidade socioeconômica, fica evidente que os riscos relativos à automedicação estão diretamente relacionados com a má qualidade da oferta dos medicamentos e dos serviços de saúde; ao não cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica e à carência de informações para o uso adequado de medicamentos. Diversos fatores econômicos, políticos e culturais têm contribuído para o crescimento e para a difusão da automedicação no mundo⁴.

Tais fatores podem estar relacionados a uma grande disponibilidade de produtos farmacêuticos, à publicidade irresponsável, à qualidade da assistência à saúde e à dificuldade de acesso aos serviços de saúde em países mais pobres⁵.

A intoxicação por medicamentos é responsável por 29% das mortes no Brasil e, na maioria dos casos, é consequência da automedicação⁵.

A automedicação entre universitários tem sido amplamente estudada em países da América do Norte, da Europa e da Ásia. Porém, em países em desenvolvimento, como o Brasil, existe carência de dados úteis para a promoção de medidas eficazes no controle da automedicação e na promoção do uso racional de medicamentos, que são aspectos preconizados pela Organização Mundial de Saúde⁶.

Segundo Vilarino e Colaboradores⁷, a automedicação entre os alunos da área da saúde pode se tornar maior pelo fato de apresentarem melhor conhecimento na sala de aula e também por experiências anteriores com a automedicação devido ao conhecimento. O acúmulo de conhecimento geral, incluindo aqui a experiência de vida, torna o indivíduo mais confiante e seguro para se automedicar.

Mussolin⁸ avaliou a automedicação entre universitários de enfermagem e de relações públicas e constatou que existe uma importante influência do conhecimento específico adquirido pelos universitários de enfermagem, evidenciada principalmente pela redução dos hábitos de uso de medicamentos e da própria automedicação.

Apesar de tudo, a automedicação feita de forma racional e com envolvimento de um profissional da saúde, com conhecimentos sobre medicamentos, pode trazer benefícios⁹. Segundo Bortolon; Karnikowski; Assis¹⁰ a automedicação responsável é entendida como parte das ações de autocuidado, mostrando-se necessário o farmacêutico como o profissional que orienta e acompanha o paciente para diminuir riscos.

Portanto, buscando investigar a influência da área de formação na graduação, na prática da automedicação, foi realizado um estudo com universitários para analisar a prevalência de automedicação entre estudantes das áreas de Humanas e de Saúde em uma Universidade Pública do Sul de Minas Gerais.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e transversal, utilizando-se da técnica de entrevista, realizado em uma Universidade Pública do Sul de Minas Gerais.

A amostra desta pesquisa foi calculada levando-se em consideração um erro de 5%, com uma prevalência estimada de automedicação no último mês. Foram selecionados alunos dos cursos da área de saúde (Curso de Farmácia, que já cursaram disciplinas de farmacologia) e da área de humanas (Curso de Licenciatura em Letras e Geografia). Foram selecionados 200 acadêmicos, com idade superior a 18 anos e de ambos os sexos, sendo 100 do Curso de Farmácia (grupo 1), constituído por acadêmicos do 5º ao 9º períodos e 100 dos Cursos de licenciatura em Geografia e Letras (grupo 2).

A coleta de dados foi realizada no ano de 2012, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas-MG, conforme protocolo nº 196/2011 e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O instrumento de coleta de dados foi composto por questões fechadas e abertas, estruturadas em duas partes. Na primeira, foi descrito o perfil dos entrevistados como: curso, idade, sexo. Na segunda, foram descritas questões relacionadas à automedicação (sobre essa prática em algum momento nos últimos 30 dias; fatores que influenciaram; medicamentos utilizados; que instrumentos utilizam para consultar reações adversas) e sobre outras questões relacionadas aos cuidados com a saúde (frequência de procura pelo médico e farmacêutico; se possuem planos de saúde)

Foram incluídos os graduandos que concordaram em participar do estudo e excluídos aqueles que se negaram a assinar o termo de participação. Para a avaliação dos dados coletados, foi criado um banco de dados no Excel e, para a análise estatística, foi utilizado o teste de independência de qui-quadrado, a 5% de significância. Todos os testes foram feitos no *software* R.

RESULTADOS

No presente estudo, foram selecionados dois grupos (grupo 1 e 2). No grupo 1, 58% dos alunos eram do sexo masculino; já no grupo 2, 57% do sexo feminino. Em relação à faixa etária, em ambos os grupos, 63% apresentavam idade abaixo de 23 anos. Sobre possuir planos de saúde, 52% dos alunos do grupo 1 e 62% do grupo 2 não possuíam.

Na análise da automedicação, no grupo 1, 96,9% foram adeptos dessa prática; enquanto no grupo 2, foram 82,6% com diferença estatística significativa ($p=0,002$), mostrando que os acadêmicos da área de saúde são mais adeptos da automedicação.

Com relação aos problemas de saúde que levaram à automedicação nos dois grupos, a maior proporção foi devido às cefaleias (73%) e resfriados (45%).

Na análise dos motivos que levaram os acadêmicos a utilizar os medicamentos por conta própria, a “a experiência anterior com o medicamento” foi o principal motivo em ambos (Tabela I). Entretanto, quando comparados os dois grupos, o que acusou diferença foi o segundo motivo mais importante para a automedicação (“ter conhecimentos sobre os medicamentos”) com diferença significativa ($p=0,016$).

Tabela 1 – Principais motivos para a realização da prática de automedicação dos acadêmicos da área de saúde e humanas de uma Universidade Pública.

Motivos para a automedicação	Grupo 1		Grupo 2	
	n	%	n	%
Não tem dinheiro para ir ao médico	1	0,7	4	3,8
Confia na indicação do farmacêutico	10	7,5	10	9,4
Confia na indicação do balconista	0	0	2	1,9
Tinha experiência com medicamentos	56	42,1	50	47,2
Não tem tempo de ir ao médico	8	6	11	10,4
Tem conhecimento sobre medicamentos	39	29,3	16	15,1
Considerou o que sentia insignificante	19	14,3	10	9,4
Outros	0	0		2,8

Grupo 1 n= 133 acadêmicos Grupo 2 n= 106

Já em relação “ao responsável pela indicação dos medicamentos”, diferente do profissional médico, no grupo 1, o principal foi o farmacêutico (28,9%). Já no grupo 2, os familiares e conhecidos (39,5%). Na comparação entre os grupos houve, diferença significativa ($p=0,002$). Os resultados estão demonstrados na Tabela II.

Tabela 2 - Quem indicou o medicamento para os acadêmicos da área de saúde e humanas sem receita médica em uma Universidade Pública.

Variáveis	Grupo 1		Grupo 2	
	n	%	n	%
Farmacêutico	37	28,9	22	20,2
Balconista	5	3,9	4	3,7
Familiares e conhecidos	25	19,5	43	39,5
Por utilização de prescrição anterior	34	26,6	26	23,8
Havia o medicamento em casa	27	21,1	14	12,8

Grupo 1 n= 128 Grupo 2 n=109 * Teste de qui-quadrado: p-valor = 0,002

Em se tratando do conhecimento dos efeitos adversos dos medicamentos, no grupo 1, sessenta e

seis por cento se consideraram conhecedores dos efeitos adversos; já no grupo 2, quarenta e quatro por cento dos acadêmicos. Na comparação dos grupos, houve diferença significativa ($p = 0,001$)

Com relação aos meios utilizados para obter conhecimento dos efeitos adversos, em ambos os grupos, a ferramenta mais utilizada foi a “bula do medicamento” (grupo 1 – 70,7%; grupo 2 – 70,2%; $p = 0,445$). Os resultados estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Como os acadêmicos da área de saúde e humanas de uma Universidade Pública tomam conhecimentos dos efeitos adversos dos medicamentos.

Variáveis	Grupo 1		Grupo 2	
	n	%	n	%
Por meio da bula do remédio	82	70,7	66	70,2
Por meio da informação do médico	12	10,3	15	16
Balconista + outros	22	19	13	13,8

Grupo 1 n= 116 Grupo 2 n=94 Teste de qui-quadrado: p-valor = 0,4448

Ao investigar sobre “os meios para obter o conhecimento sobre os medicamentos”, no grupo 1, foram a internet e os livros especializados (somando 66,5%); já no grupo 2, as maiores fontes de obtenção do conhecimento foram os familiares, os médicos e os farmacêuticos (somando 66%). Na comparação entre os grupos, houve diferença significativa ($p = 0,000$). Os resultados estão demonstrados na Tabela IV.

Tabela 4 - Como os acadêmicos da área de saúde e humanas de uma Universidade Pública obtêm conhecimento sobre os medicamentos.

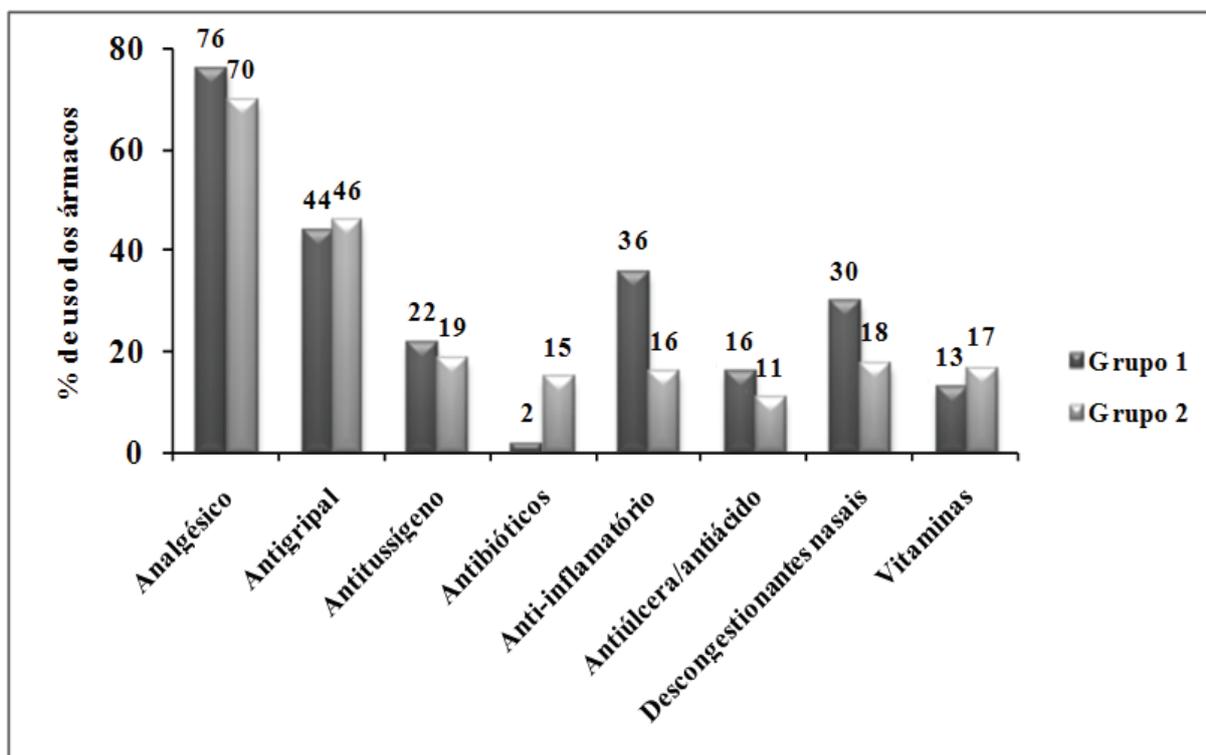
Variáveis	Grupo 1		Grupo 2	
	n	%	n	%
Internet	64	33,3	24	18,9
Livros especializados	60	31,2	6	4,7
Farmacêutico	35	18,2	28	22
Médico	15	7,8	28	22
Balconista	3	1,6	7	5,5
Familiares	9	4,7	29	22,8
Outros meios	6	3,1	5	3,9

Grupo 1 n= 192 Grupo 2 n=127 Teste de qui-quadrado: p-valor = 0,0000

Finalmente, ao comparar as classes farmacológicas utilizadas, embora os analgésicos tenham sido

mais frequentes para ambos os grupos (76% e 70%, para os grupos 1 e 2, respectivamente), houve diferença significativa entre os grupos ($p = 0,0035$), quando analisados todos os medicamentos em conjunto. Essa diferença se deve, principalmente, aos antibióticos e anti-inflamatórios (Figura 1).

Figura 1- Principais medicamentos utilizados pelos acadêmicos por automedicação.



DISCUSSÃO

A automedicação é uma prática muito frequente, considerada universal entre as diferentes sociedades e as diferentes populações, independentemente do grau de desenvolvimento socioeconômico¹¹. Vários estudos também têm demonstrado que essa prática é alta entre os acadêmicos^{12,13}.

No presente estudo, verificou-se que os acadêmicos da área da saúde realizam em maior proporção a automedicação. Vários estudos realizados com universitários foram semelhantes ao presente estudo, em que a taxa de automedicação também se apresentou maior entre os acadêmicos da área de saúde^{14,15,16,17}. Isso pode estar relacionado ao fato de apresentarem maior conhecimento dos medicamentos devido aos tipos de disciplinas cursadas, pois todos os alunos do curso de Farmácia já tinham cursado as disciplinas de farmacologia. Assim, neste estudo, foi possível verificar que os cursos ligados à área da saúde, por receberem informações sobre os medicamentos, facilitam a automedicação. Segundo Vilarino e Colaboradores⁷, o acúmulo de conhecimentos em relação aos medicamentos torna o indivíduo mais confiante e seguro para se automedicar.

Em relação aos principais motivos que levaram à prática de automedicação, “a experiência anterior com o medicamento”, foi o fator mais importante em ambos os grupos; e o segundo fator foi “Tem conhecimento sobre os medicamentos”. Esse segundo fator foi importante principalmente para o grupo 1, demonstrando que ter conhecimentos sobre o medicamento é um fator para a prática da automedicação. Outros estudos também demonstram que o conhecimento anterior, ou seja, experiências de vida geram uma maior confiança naqueles que se automedicam^{7,12}.

É interessante ressaltar que, ao se tratar de onde se obtém o conhecimento dos efeitos adversos aos medicamentos, verificou-se que a maioria dos acadêmicos, de todos os cursos, utiliza-se da bula como fonte de informação. Mussolin⁸, em um estudo realizado com universitários de relações públicas e de enfermagem, observou que os alunos de enfermagem liam mais a bula. Assim, as bulas, juntamente com outros veículos promocionais, se apresentam, segundo Barros¹⁸, como um mecanismo para facilitar a automedicação, pois, ao minimizar os efeitos adversos e ampliar a gama de indicações, de preferência usando uma linguagem mais técnica no primeiro caso e bem mais acessível ao leigo, no segundo, a bula se transforma com frequência em um material de consulta, mas apresenta grande publicidade da indústria farmacêutica.

De acordo com a OMS¹⁹, a propaganda desenfreada e massiva de determinados medicamentos, a dificuldade e o custo de se conseguir uma opinião médica, a limitação do poder prescritivo restrito a poucos profissionais de saúde, o desespero, a angústia e a ansiedade, desencadeados por sintomas ou pela possibilidade de se adquirir uma doença, a falta de regulamentação e de fiscalização daqueles que vendem e a falta de programas educativos sobre os efeitos dos medicamentos, muitas vezes irreparáveis da automedicação, são alguns dos motivos que levam as pessoas a utilizarem medicamentos por conta própria.

Com relação aos principais agentes viabilizadores para a automedicação (ou os responsáveis pela indicação de medicamentos), no grupo 1, foram as influências do profissional farmacêutico e as prescrições anteriores; já no grupo 2, foi a indicação de familiares e de conhecidos (tabela II). Em relação ao grupo 2, os resultados se apresentaram semelhantes aos observados em outros estudos como os realizados por Ribeiro e Colaboradores²⁰, em que os familiares foram os que mais influenciaram na automedicação. Estudos realizados por Celis; Nava²¹, também verificaram que a automedicação é recomendada, principalmente por familiares (76%) e por iniciativa própria (15%). Outros estudos como o realizado por Rios e Colaboradores²² com alunos de um curso Técnico no Sul de Minas Gerais, também encontraram que os principais agentes viabilizadores da automedicação foram os familiares para os alunos do curso de farmácia (57,4%) e para o de enfermagem, foi a utilização por iniciativa própria (33,3%).

Em relação ao grupo 1, no qual a automedicação foi influenciada pelo profissional farmacêutico e pela prescrição anterior, a literatura traz que a indicação farmacêutica é discutida como uma nova atuação do profissional de farmácia na prestação de serviços de atenção primária à saúde²³. Assim, o profissional farmacêutico dentro de suas habilidades, é o mais bem capacitado para prestar

orientação farmacêutica, sendo importante em todo trajeto que o medicamento traça até chegar ao seu consumidor final, pois ele está apto a criar e disseminar campanhas preventivas e políticas sobre o uso racional de medicamentos, minimizando a automedicação, de modo a garantir o bem-estar da população¹². Estudos realizados por Vitor e Colaboradores²⁴ apontam o aconselhamento com o farmacêutico como uma segunda causa mais lembrada pelos participantes da pesquisa. Rosse e Colaboradores²⁵ em seu estudo, também demonstram que 18% de todos os acadêmicos dos grupos estudados utilizam medicamentos sob orientação de um farmacêutico.

Com relação às classes de medicamentos, as mais utilizadas por automedicação pelos dois grupos foi a dos analgésicos. Vários estudos demonstram que essa classe é a de maior utilização, por serem usados no alívio da dor, por apresentarem facilidade na aquisição e por serem medicamentos isentos de prescrição²⁶. Também em uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais, os medicamentos mais consumidos por automedicação foram os analgésicos e os antitérmicos²⁷. Em uma Instituição privada de Ensino Superior de Teresina (PI), avaliou-se a prevalência da automedicação entre os acadêmicos do curso de fisioterapia. A dipirona sódica e paracetamol foram os medicamentos mais utilizados²⁸.

Estudos de revisão de literatura sobre a automedicação, realizados por Jesus; Yoshida; Freitas¹², demonstram que os principais sintomas que levam os acadêmicos da área de saúde a praticar a automedicação são os comuns como as cefaleias, as dores musculares, e os resfriados. Segundo observado em seu estudo, os analgésicos e os antitérmicos são os mais consumidos pelos acadêmicos, independentemente do curso ou do nível de graduação. Mas é preciso muito cuidado, pois esses medicamentos são classificados como isentos de prescrição (MIP) e podem representar o autocuidado dos pacientes. Entretanto, como qualquer medicamento, podem promover reações adversas, mascarando quadro clínico de maior gravidade.

Assim, a presença do farmacêutico nas farmácias, em tempo integral, orientando a população em relação aos medicamentos é de extrema importância, pois os medicamentos podem ser utilizados de forma errônea por leigos em assuntos clínicos e farmacológicos, além das possíveis interações com os alimentos que são tão comuns. Assim, mais uma vez, se mostra necessária a presença do profissional farmacêutico, que orienta e acompanha o paciente para diminuir os riscos. Enfim, precisamos de bons profissionais, que realmente se preocupem com a população e não apenas com os lucros. Para isso, a humanização nos curós de Farmácia terá que ser trabalhada de forma dinâmica.

Portanto, verificamos que na população acadêmica estudada, o uso de medicamentos por automedicação é elevado. Apesar de detectar que os mais consumidos foram os analgésicos, outros medicamentos também podem estar associados e que não foram relatos. A automedicação pode estar relacionada com a intensa atividade diária dos acadêmicos, as muitas horas de estudo, as provas, os trabalhos de extensão e iniciação, os estágios e a própria pressão do dia-a-dia, que influenciam significativamente, para que essa prática seja incidente no ambiente universitário.

Além disso, a maioria dos acadêmicos alega não ter tempo para se consultar com um médico e, muitas vezes, a falta de recursos financeiros faz com que procurem por esse profissional somente quando a situação é agravada.

CONCLUSÃO

A automedicação teve alta prevalência no presente estudo, sendo que os acadêmicos da área de saúde foram os mais adeptos dessa prática, demonstrando que o tipo de curso influencia na automedicação. Verificou-se que a experiência anterior com o medicamento foi o principal motivo em ambos os grupos para se automedicar. Uma contribuição importante deste trabalho diz respeito às influências que levaram à prática da automedicação, ou seja, a de familiares e de farmacêuticos. Como em vários outros estudos também se observou maior utilização dos analgésicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Amoako EP, Richardson-Campbell CL, Kennedy-Malone L. Self-medication with over the counter drugs among elderly adults. **J. Gerontol. Nurs.** 2003; 29(8):10-15.
2. Kovacs FT, Brito MFM. Percepção da doença e automedicação em pacientes com Escabiose. **An. Bras. Dermatol.** 2006; 81(4):335-40.
3. Leite S, Vieira M, Veber A. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. **Ciênc. Saúde Colet.** 2008; 13(supl.1):793-802.
4. Silva CH, Giugliani ER. Consumo de medicamentos entre adolescentes escolares: uma preocupação. **J. Pediatr.** 2004; 80: 326-332.
5. Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da Automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Públ.** 2005; 31: 71-79.
6. Schuelter-Trevisol F et al. Automedicação em universitários. **Rev. Bras. Clín. Med.** 2011; 9(6): 414-17.
7. Vilarino JF et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Rev. Saúde Públ.** 1998; 32(1): 43-9.
8. Mussolin NM. A automedicação: um estudo entre universitários de enfermagem e de relações públicas. 2003. Dissertação de Mestrado-Secretaria de Saúde de São Paulo - Coordenação dos Institutos de Pesquisa. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2004. 97p.
9. Ogawa A et al. Estudo comparativo sobre a automedicação em estudantes do segundo ano de enfermagem e medicina e moradores do bairro vila nova. 2008. Disponível em: <<http://www.ccs.uel.br/espacoparasauade/v3n2/doc/automedicacao.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

10. Bortolon P, Karnikowski M, Assis M. Automedicação *versus* indicação farmacêutica: o profissional de farmácia na atenção primária à saúde do idoso. **Revista APS**. 2007; 10(2):200-9.

11. Dhamer T, Dal-Molin AP, Helfer AP, Carneiro M, Possuelo LG, Kauffmann C, Moura Valim AR. A automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul. **Rev. Epidemiol. Control. Infect.** 2012; 2(4): 138-40.

12. Jesus APGAS, Yoshida NCP, Freitas JGA. Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. **Rev. Eletrônica de Farmácia**. 2013; 40(2): 151-64, 2013.

13. Damasceno, D. *et al.* — Automedicação entre graduandos de enfermagem, farmácia e odontologia da Universidade Federal de Alfenas. *REME: Rev. Mineira Enferm.* 2007; 11(1): 48-52.

14. Cabrita J et al. Estudo do padrão de consumo de medicamentos pelos estudantes da Universidade de Lisboa. **Rev. Port. Saúde Públ.** 2001; 19(2):39-47.

15. Pinto FC et al. Automedicação praticada por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Enfermagem) – Bom Despacho: Universidade Presidente Antônio Carlos; 2008. 60f.

16. Valente R, Graziela L. Percepção dos estudantes do primeiro e oitavo semestres do curso de graduação em farmácia sobre o uso racional de medicamentos. **Cenarium Farmacêutico**. 2009; Brasília, 3.

17. Aquino DS, Barros JAC, Silva MDP. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. **Ciênc. Saúde Colet.** 2010; 15(5): 2533-8.

18. Barros J. Estratégias mercadológicas da indústria farmacêutica e o consumo de medicamentos. **Rev. Saúde Públ.** 1983;17(5):377-86.

19. Organização Mundial da Saúde. Dpt.of Essential Drugs and other Medicines. **The role of the pharmacist in self-care medication**. Geneva, 1998.

20. Ribeiro MI et al. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. **Rev. Port. Saúde Públ.** 2010; 28(1): 41-8.

21. Celis E, Nava Y. Patrones de autoatención y automedicación entre la población estudiantil universitaria de La ciudad de Puebla. Elementos: **Cienc. Cult.** 2004; 11(55-56): 43-51.

22. Rios MF *et al.* Perfil da automedicação dos alunos de uma Escola Técnica do Sul de Minas Gerais. **Rev. Univ. Vale do Rio Verde**. 2013; 11(2):420-31.

23.Zubioli A. O farmacêutico e a automedicação responsável. **Pharm. Bras.** 2000; 3 (22): 23-26.

24.Vitor RS, Lopes CP, Menezes HS, Kerkhoff CS. E. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Ciênc. saúde colet.** 2008; 13: 737-43.

25.Rosse WJD, Mouro VGS, Franco AJ, Carvalho CA. Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da Univiçosa, Viçosa, MG. **Rev. Bras. Farm.** 2011; 92(3): 186-190.

26.Tierling VL et al. Nível de conhecimento sobre a composição de analgésicos com ácido acetilsalicílico. **Rev. Saúde Públ.** 2004; 38(2):223-27.

27.Silva LSF et al. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do estado de Minas Gerais. **Odontol. Clín.Cient.** 2011; 10(1):57-63.

28.Neres BSI et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior de Teresina. **ConScientiae Saúde.** 2010; 9(1): 33-7.

Artigo apresentado em 11-03-14

Artigo aprovado em 21-08-14

Artigo publicado no sistema em 29-12-14